

RAZÃO EM FACE DA PAIXÃO: LIBERDADE EMOCIONAL EM *JANE EYRE*, DE CHARLOTTE BRONTË

Alanis Zambrini GONÇALVES
Orientador: Prof. Dr. Jefferson Cano

RESUMO: O seguinte artigo propõe uma interpretação de *Jane Eyre*, romance escrito por Charlotte Brontë (1847), no qual são encontrados diferentes significados de liberdade. Assim, parte-se da hipótese da leitura de que a narrativa de Jane supõe um desejo de liberdade emocional, tanto relacionado ao conflito entre razão e emoção quanto ao conflito relacionado à autonomia do indivíduo diante de determinações orgânicas. Com isso, este artigo pretende conectar esses tópicos à filosofia moral e às ciências da mente que circularam amplamente no início do século XIX, como frenologia, fisionomia, psicologia, alienismo e filosofia, que tentaram compreender a conexão entre o indivíduo, seu caráter, sua personalidade, sua autonomia e suas características que foram determinadas biologicamente.

Palavras chave: literatura inglesa, literatura vitoriana, *Jane Eyre*, Charlotte Brontë, ciências da mente.

INTRODUÇÃO

Jane Eyre, escrita por Charlotte Brontë, foi e ainda é uma obra muito estudada pela academia, com diversas abordagens relacionadas principalmente à psicanálise e ao proto-feminismo de sua autora. Os elementos presentes na obra que se relacionam com a psicologia foram muito estudados, porém, a maioria previa uma abordagem psicológica moderna e até mesmo anacrônica. Além disso, a temática da liberdade sempre esteve presente nessas abordagens, mas assumindo papéis diferentes por meio de argumentações diversas sobre a protagonista do livro.

Em meio a isso, deparamo-nos com o questionamento sobre como seria fazer uma pesquisa mais intrinsecamente ligada ao contexto vivido por Charlotte Brontë ao escrever sua *magnum opus*. Para tanto, nos propusemos a fazer uma abordagem que trouxesse à tona as ciências do século XIX, principalmente as chamadas ciências da mente, que compreendiam a filosofia, a psicologia, o alienismo e algumas pseudociências principais, como a frenologia e a fisionomia.

Assim, este artigo busca compreender como os elementos dessas ciências são trabalhados nesta obra e de que modo eles são articulados com a história e o desenvolvimento das personagens, de modo a relacioná-los com a temática da paixão, da razão e da liberdade emocional, presentes em meio à narrativa da obra em questão, buscando algum tipo de conflito entre esta liberdade e o determinismo orgânico subentendido nestas ciências.

Além disso, este artigo busca articular diferentes elementos e fatos, como a vida da autora, seu contato com essas ciências, a recepção de sua obra e o fato de sua protagonista ser uma mulher, juntamente com a questão psicológica e psiquiátrica da mulher em meio à Era Vitoriana.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste artigo, de modo a facilitar a organização da bibliografia e dos componentes da pesquisa, propomos sua divisão em cinco partes: biografia da autora, de modo a analisar como a vida pessoal de Charlotte Brontë poderia vir a influenciar as questões referentes a nossa hipótese de leitura; ciências da mente, que busca entender no que consiste essas ciências e como elas se relacionam à obra; crítica literária, com a proposta de compreender como é dada a recepção do livro e como a temática da paixão e razão aparece em meio a ela; razão *versus* paixão, em que há a tentativa de entender este conflito em meio ao contexto da obra e da Era Vitoriana; e, por fim, liberdade emocional *versus* determinismo orgânico, em que se analisa a questão das ciências da mente em meio ao conceito de liberdade presente e articulado em *Jane Eyre*.

1. Biografia da Autora

Por meio do livro *The life of Charlotte Brontë*, nos aprofundamos um pouco na biografia de Charlotte, buscando quaisquer fatos que pudessem ajudar-nos a entender o porquê do cientificismo (principalmente em relação à psicologia) aparecerem tanto em *Jane Eyre* e se alguns fatos de sua vida pessoal poderiam ser relacionados com alguns elementos da obra em questão. Em meio à leitura do livro, descobriu-se que Charlotte, suas irmãs e seu irmão sempre foram muito precoces em relação a diversos tipos de conhecimentos, mas que não se sabe muito como eles adquiriam alguns desses saberes, como podemos ver neste excerto:

[...] O seguinte excerto mostra algo como o tipo de leituras que os pequenos Brontës estavam interessados; mas seu desejo por conhecimento deve ter sido incentivado em várias direções, já que eu encontro uma ‘lista de pintores cujas obras eu gostaria de ver’ escrita por Charlotte quando ela mal tinha treze anos: ‘Guido Reni, Julio Romano, Ticiano, Rafael, Michelângelo, Correggio, Annibal Caracci, Leonardo da Vinci, Fra Bartolomeo, Carlo Cignani, Vandyke, Rubens, Bartolomeo Ramerghi.’ (GASKELL, 1857, p. 34)¹

Desse modo, podemos ver como as crianças Brontë sempre se interessaram tanto por literatura quanto por arte, política e ciência. Quando Patrick Brontë sofria delírios e alucinações por conta do uso excessivo de ópio e de álcool, é possível ver que Charlotte e seu pai tinham conhecimentos de medicina popular, que derivava de um livro muito famoso de William Buchan, chamado *Domestic Medicine: or, a Treatise on the Prevention and Cure of Diseases by Regimen and Simple Medicines*, e de outros livros de medicina, como o de Thomas John Graham.

Ademais, por meio do artigo *Victorian Psychology* de Athena Vrettos, foi possível ver que Charlotte sempre esteve muito interessada principalmente nas ciências da mente (principalmente frenologia, psicologia e fisionomia), até mesmo tendo seu crânio medido por um frenologista para saber de suas faculdades mentais. Além disso, podemos ver seu interesse por este assunto na literatura quando ela troca diversas cartas com George Henry Lewes, falando sobre a psicologia de diversos personagens da literatura inglesa, especialmente os construídos por Walter Scott (que ela acreditava serem muito realistas e bem construídos) e por Jane Austen (que ela considerava insuficientes).

Por fim, vemos que a própria Charlotte acreditava muito no discurso frenológico de sua época, o que pode ser visto o seguinte trecho, em que se discutia um pouco a personalidade da escritora:

Charlotte disse que ela poderia se dar bem com qualquer um que tivesse uma intumescência no topo de sua cabeça (querendo dizer a consciência). Eu descobri que eu dificilmente me diferenciava dela, exceto pelo fato de que ela era tolerante demais com pessoas estúpidas se elas tivessem um grão de gentileza nelas. (GASKELL, 1857, p. 47)²

Ademais, encontramos diversos fatos que ocorreram na vida de Charlotte e que ela incorporou na escrita de *Jane Eyre*, como suas experiências em um colégio interno (que se tornou Lowood) em que suas duas irmãs mais velhas morreram, o que fez com que sua irmã, Maria, acabasse sendo transformada na personagem Helen Burns.

Desse modo, podemos ver como a vida da autora foi permeada muitas vezes pela discussão científica da época, e em como sua vida pessoal teve uma relação intrínseca com a escrita de sua *magnum opus*, tanto em relação à caracterização dos personagens quanto em relação aos diversos elementos da história que podem ser observados, como o uso dessas ciências.

2. Ciências da Mente

Após o estudo do contato que Charlotte havia tido com as ciências, com a arte e com o conhecimento em geral, pudemos ver que ela se interessava particularmente pelas chamadas ciências da mente, que compreendiam a frenologia, a fisionomia, a psicologia (que, naquela época, compreendia outras ciências dentro de si) e o alienismo.

Em meio a isso, foi necessário termos maior conhecimento sobre o que eram essas ciências, como elas funcionavam, quais eram os argumentos que as defendiam e quais eram seus usos e suas consequências em meio à sociedade vitoriana, conhecida muito bem pelo seu poder de repressão e pelas mudanças na economia que giravam por conta da Revolução Industrial e pelo Imperialismo.

As ciências mais utilizadas por Charlotte em seu livro foram muito populares no começo do século XIX, até serem desacreditadas na metade do mesmo século, sendo elas a frenologia e a fisionomia. A frenologia encontrou uma grande popularidade na Inglaterra, principalmente em meio ao povo mais pobre, pois misturava determinismo, investigação clínica e reforma religiosa, trazendo consigo o vocabulário de uma teoria psicológica que já havia sido muito famosa: a teoria das faculdades. Assim, a frenologia surgiu

¹ No original: “[...]The foregoing extract shows something of the kind of reading in which the little Brontës were interested; but their desire for knowledge must have been excited in many directions, for I find a ‘list of painters whose works I wish to see,’ drawn up by Charlotte when she was scarcely thirteen:— ‘Guido Reni, Julio Romano, Titian, Raphael, Michael Angelo, Correggio, Annibal Caracci, Leonardo da Vinci, Fra Bartolomeo, Carlo Cignani, Vandyke, Rubens, Bartolomeo Ramerghi.’” Tradução minha.

² No original: “Charlotte said she could get on with any one who had a bump at the top of their heads (meaning conscientiousness). I found that I seldom differed from her, except that she was far too tolerant of stupid people, if they had a grain of kindness in them.” Tradução minha.

na área médica com Gall, mas foi popularizada em massa pelo médico George Combe, com seu livro *The constitution of man* (que parece ter sido lido por Charlotte, pois em sua obra *The Professor*, há várias menções à teoria de Combe) e *Elements of Phrenology*, que afirmava que o cérebro era composto por órgãos frenológicos (adaptados das faculdades) que ditavam certas características e elementos da personalidade de humanos e em alguns animais, sendo divididos em categorias, como podemos ver abaixo, em uma tabela organizada por nós de acordo com as características citadas por Combe:

Órgãos sociais: Amatividade; Filoprogenitividade; Adesividade; Inabitatividade; União pela Vida; Concentração.
Propensões egoístas: Combatividade; Destrutividade; Alimentatividade; Aquisitividade; Secritude.
Sentimentos egoístas: Cautela; Aprovação; Autoestima; Firmeza.
Sentimentos morais e religiosos: Consciência; Esperança; Maravilhamento; Veneração Benevolência.
Sentimentos semi-intelectuais: Construtividade; Idealidade; Sublimidade; Imitação; Júbilo.
Faculdades perceptivas: Individualidade; Forma; Tamanho; Peso; Cor; Ordem; Cálculo; Localidade; Eventualidade; Tempo; Melodia; Linguagem.
Faculdades de raciocínio: Causalidade; Comparação; Suavidade; Natureza Humana.

Ademais, o fenômeno da frenologia é algo muito interessante, visto que houve uma intensa popularização dessa ciência, por meio de livros para crianças, panfletagem, aulas abertas para as classes mais baixas e uma intensa divulgação científica. Essa ciência também acabou tendo uma forte relação com o *status quo* inglês, pois fomentou diversas teorias racistas e imperialistas, a manutenção de classes sociais, o sexismo e o forte moralismo religioso, já que a teoria articulava ciência e religião.

Já a fisionomia foi uma ciência um pouco menos popular do que a frenologia, mas, mesmo assim, muito difundida, principalmente por Johann Caspar Lavater, por meio de seu livro *The Pocket Lavater*. Essa ciência afirmava que o rosto poderia ser considerado como uma gramática (ou seja, uma combinação de diferentes características) e como um vocabulário (ou seja, havendo um significado para cada característica). Assim, para esse campo científico, seria possível que as pessoas pudessem ler a personalidade por meio de uma análise acurada das características físicas de seus rostos, sendo muito semelhante, nesse aspecto, com as ciências taxonômicas que existiam na época.

Desse modo, Dames afirma que tanto a frenologia quanto a fisionomia alteram bastante o contexto social da Era Vitoriana, na medida em que levantam duas questões novas e importantes: “como podemos conhecer os outros, e nós mesmos, por meio de um exame visual, sem extensa convivência?” e “que partes da personalidade são visíveis e escondidas em nosso corpo?” (DAMES, 2005, p. 100).³

Porém, além dessas ciências populares, havia a psicologia do século XIX, que era uma mistura de diversas ciências, como história natural, filosofia Lockeana, química, ciência evolucionista, medicina e ficção ou crítica literária. Assim, vê-se que essa ciência era extremamente ampla e estava intrinsicamente ligada com a literatura, já que “[...] O romance fez parte da história da psicologia tanto quanto a psicologia é uma parte da história da forma do romance” (DAMES, 2005, p. 94).⁴ Essa relação ocorre justamente porque ambas compartilhavam certas preocupações, poderes imaginativos e objetivos, o que fez com que uma influenciasse a outra em meio à escrita do século XIX. A teoria psicológica que mais fez sucesso no começo desse século foi a teoria das faculdades, baseada na metafísica Kantiana, em que as pessoas teriam certas faculdades mentais dentro de si que seriam inatas ao ser humano. Porém, essa teoria foi desacreditada e foi apropriada pela frenologia, que utilizou as faculdades como base para a divisão dos órgãos frenológicos.

Porém, é importante notar-se que a psicologia se diferenciava do alienismo, ou seja, a psicologia *per se* buscava apenas estudar a mente humana e seu funcionamento, enquanto a patologia foi deixada para ser estudada por este outro campo. Assim, o alienismo (assim chamado porque acreditava-se que os loucos fossem pessoas alienadas de sua realidade) tornou-se muito prolífico no século XIX, já que uma nova ideia de loucura vinha junto com a frenologia, uma ideia de que a loucura poderia estar escondida dentro de qualquer indivíduo. Além disso, as imagens dos cruéis sanatórios da Era Vitoriana (como o famoso Bedlam) e a história da histeria na Inglaterra e na França circulam na mídia e no imaginário popular até hoje, visto que essa ciência, de certo modo, banalizou a loucura, pois há relatos de pessoas que eram mandadas para sanatórios por fatos banais, como masturbação, relações sexuais frequentes, uso de bebida alcoólica, etc. Isso foi ainda pior para as mulheres, cuja sexualidade era patologizada e cujos comportamentos eram vistos

³No original: “How can we know others, or even ourselves, through visual examination, without extensive acquaintanceship?” and “What parts of the personality are visible and encoded in the body?”. Tradução minha.

⁴No original: “[...] The novel, in brief, was part of the story of psychology just as surely as psychology is a part of history of the novel form.” Tradução minha.

como histéricos. Em *Jane Eyre*, podemos ver a figura da mulher histérica e patologizada na figura de Bertha, que nada mais é do que a figura das paixões desenfreadas e incontroladas, representando a mulher depravada e imoral.

Tendo conhecimento sobre todas estas ciências que faziam parte do contexto vitoriano, nos interessa mais a frenologia e a fisionomia, pois como nos diz Dames,

Aparente em lugares dispersos por toda a ficção vitoriana, em nenhum lugar a frenologia é tão visível como na ficção de Charlotte Brontë, onde ela é usada com obviedade não igualada, geralmente como um suplemento aos estudos insatisfatoriamente vagos da fisionomia. (DAMES, 2005, p. 102)⁵

Assim, buscamos analisar como a frenologia e a fisionomia aparecem em *Jane Eyre*, e de que modo elas são utilizadas pelos personagens, buscando entender como estas ciências estavam inseridas no livro e na escrita de Charlotte. Para tanto, nota-se que há duas cenas principais na obra, que são prolíficas para a nossa análise, sendo essas: a primeira noite em que Jane e Rochester se conhecem e decidem conversar e a vez em que Rochester finge ser uma cigana para enganar Jane. Durante a primeira cena, faz-se importante a seguinte passagem:

“[...] Critique-me: minha testa não te agrada?”
Ele levantou as ondas negras de cabelo que jaziam horizontalmente sobre sua sobrancelha, e mostrou uma massa de órgãos intelectuais sólida o bastante, mas uma deficiência abrupta onde o suave sinal da benevolência deveria ter aparecido.
“Então, senhorita, sou um tolo?”
“Longe disso, senhor. Você, talvez, me acharia rude se eu perguntasse, em retorno, se o senhor é um filantropo?”
“Aí está novamente! Outro golpe do canivete quando ela fingia afagar a minha cabeça: e isso porque eu disse que não gosto da sociedade de crianças e mulheres velhas (baixo isso seja dito!). Não, jovem senhorita, eu não sou, geralmente, um filantropo; mas eu carrego uma consciência”; e ele apontou para as proeminências que dizem indicar essa faculdade, e que, felizmente para ele, eram suficientemente conspícuas; formando, realmente, uma largura marcada na parte superior de sua cabeça [...] (BRONTË, 2010 [1847], p. 132)⁶

Por meio desse excerto, podemos ver como Rochester guia uma leitura frenológica por parte de Jane, misturando tanto frenologia quanto fisionomia ao mostrar as partes de sua testa que indicariam certas faculdades, como consciência e benevolência. Aqui, vemos claramente como estas ciências seriam populares, pois Jane tinha conhecimento sobre elas, mesmo sendo uma simples governanta de baixa classe social.

Já na outra cena, Rochester finge ser uma cigana que irá ler a sorte de Jane, e, para tanto, ele novamente mistura a frenologia e a fisionomia (esta sendo mais usada, desta vez), como podemos ver pelo excerto abaixo:

“O olho é favorável. Quanto à boca, às vezes ela se deleita em riso; está disposta a transmitir tudo o que o cérebro concebe; embora eu diria que ela seria silenciosa quanto ao que o coração experimenta. Móvel e flexível, ela nunca foi tencionou ser comprimida no silêncio eterno da solidão: é uma boca que deveria falar muito e sorrir frequentemente, e ter afeição humana pelo seu interlocutor. Esse recurso também é propício. Eu não vejo nenhum inimigo para um problema na fortuna, a não ser na testa [...]” (BRONTË, 2010 [1847], p. 166)⁷

⁵ No original: “Apparent in scattered places throughout Victorian fiction, phrenology is nowhere so visible as in Charlotte Brontë’s fiction, where it is used with an unequalled obviousness, often as a supplement to the unsatisfyingly vague Works of physiognomy.” Tradução minha.

⁶ No original: “[...] Criticise me: does my forehead not please you?” He lifted up the sable waves of hair which lay horizontally over his brow, and showed a solid enough mass of intellectual organs, but an abrupt deficiency where the suave sign of benevolence should have risen. “Now, ma’am, am I a fool?” “Far from it, sir. You would, perhaps, think me rude if I inquired in return whether you are a philanthropist?” “There again! Another stick of the penknife, when she pretended to pat my head: and that is because I said I did not like the society of children and old women (low be it spoken!). No, young lady, I am not a general philanthropist; but I bear a conscience;” and he pointed to the proeminences which are said to indicate that faculty, and which, fortunately for him, were sufficiently conspicuous; giving, indeed, a marked breadth to the upper part of his head. Tradução minha.

⁷ No original: “[...] The eye is favourable. As to the mouth, it delights at times in laughter; it is disposed to impart all that the brain conceives; though I daresay it would be silent on much the heart experiences. Mobile and flexible, it was never intended to be compressed in the eternal silence of solitude: it is a mouth which should speak much and smile often, and have human affection for its interlocutor. That feature too is propitious. I see no enemy to a fortunate issue but in the brow [...]” Tradução minha..

Nessa passagem, podemos ver como Rochester dissecou toda a personalidade de Jane por meio da análise atenta de suas características físicas, como os seus olhos, sua boca e suas sobrancelhas. Além disso, parece haver algum tipo de poder no que Rochester fala, como se sua análise penetrasse o mais íntimo recôndito da mente de Jane, o que pode ser relacionado com o termo *physician's gaze*, que será melhor trabalhado no tópico cinco.

Com isso, podemos ver como tanto a frenologia quanto a fisionomia são muito usadas na obra, ditando relações importantes entre as personagens e dando pistas sobre como a autora poderia relacionar estas características determinadas pelo olhar do outro com a liberdade e o livre-arbítrio de sua protagonista.

3. Crítica literária

Tendo maior conhecimento sobre as ciências que faziam sucesso e estavam inseridas em meio à sociedade vitoriana e como elas aparecem no livro, fomos buscar uma relação mais intrínseca entre essa sociedade e a obra em questão. Para tanto, buscamos analisar a crítica literária de quando *Jane Eyre* foi publicado, de modo a procurarmos se acharíamos alguma menção ou crítica ao uso dessas ciências, à construção psicológica das personagens, ao moralismo do livro, ao papel feminino da protagonista, à liberdade da protagonista e ao conflito entre paixão e razão que é aparente na obra. Para tanto, analisou-se quatro críticas principais, sendo duas favoráveis à obra (a do jornal *The Era* e a escrita por George Henry Lewes) e duas desfavoráveis a ela (a anônima da *American Women's Magazine* e a escrita por Elizabeth Rigby).

Começando pela crítica presente no *The Era*, temos um texto que, em poucas palavras, fala sobre o poder de pensamento e expressão que estão presentes na escrita de Currer Bell. Além disso, uma passagem faz-se importante, em que o autor da crítica argumenta sobre a qualidade do romance:

A história é de coração, e o desenvolvimento de uma moral através das afeições naturais é a vitória da mente sobre a matéria, a dominância da razão sobre o sentimento, sem sacrifícios antinaturais. (REVIEW..., 1847)⁸

Assim, pode-se ver o aparecimento da temática ligada à razão e ao sentimento (relacionado com o termo “paixão”), e como um é dominado pelo outro em meio a uma tentativa de explicitar uma moralidade.

A crítica de George Henry Lewes é bem parecida com a primeira, congratulando a autora (já que ele afirma ter certeza de que uma mulher escreveu a obra) por possuir grande percepção de caráter, poder de delineamento, paixão e conhecimento sobre a vida. Afirma, rapidamente, que a maior característica do livro é o realismo e que várias cenas são tão boas que parecem ser “pintadas em palavras”. Nessa crítica, o autor também traz a temática da paixão, ao falar que a autora consegue ter poder sobre suas paixões e representar uma interpretação psicológica de fenômenos materiais.

Já a crítica anônima foi muito negativa, afirmando que o livro era um ataque às instituições políticas, sociais e religiosas. Além disso, traz a ideia de que a obra é totalmente imoral, com personagens mal construídas e com cenas que enojariam seus leitores. É interessante notar que, nessa crítica, a personalidade de Jane é criticada, principalmente porque considera-se a personagem como sendo uma rebelde que tem prazer em ultrapassar as regras convencionais, ou seja, há aí uma crítica justamente à liberdade demasiada que a protagonista teria por meio de suas ações e que desejaria em meio à narrativa.

Por fim, na crítica feita por Elizabeth Rigby, encontra-se uma condenação ferina do livro. A autora relaciona *Jane Eyre* com *Vanity Fair*, livro de William Makepeace Thackeray, escritor muito admirado por Charlotte e para quem ela dedicou a segunda edição de seu livro. A crítica é muito extensa, mas, em suma, fala sobre a falta de moralidade da obra e suas deficiências morais, religiosas e literárias, chegando a afirmar que *Jane Eyre* é um livro anticristão e pagão. Além disso, a autora critica a vulgaridade de certas cenas que trazem personagens de alta classe social e afirma que o livro não possui nenhum personagem bom e que a heroína é vulgar, pedante e estúpida, além de possuir uma linguagem que ofende o leitor. Um excerto que chama a atenção é quando a autora afirma que há “cenas de sentimentos suprimidos mais aterrorizantes de testemunhar do que os acessos de paixão mais violentos” (RIGBY, 1849).⁹

Assim, podemos ver que, apesar de possuir características diferentes, as quatro críticas convergem no sentido de todas se preocuparem com a moralidade presente no livro e de trazerem a opinião de que o livro apresenta uma dominância da razão sobre a paixão e o sentimento, o que pode ser um indicativo de que a obra condenaria as chamadas “paixões” e mostrariam a importância da razão, apesar de utilizar-se delas o tempo todo para construir seus personagens e sua narrativa. Desse modo, isso nos leva à reflexão de como a paixão e a razão apresentam-se no livro e de que modo elas eram vistas na sociedade vitoriana,

⁸ No original: “The tale is one of the heart, and the working out of a moral through the natural affections, it is the victory of mind over matter, the mastery of reason over feeling, without unnatural sacrifices.” Tradução minha.

⁹ No original: “[...] Scenes of suppressed feeling, more fearful to witness than the most violent tornadoes of passion”. Tradução minha.

tanto por meio das ciências da mente (estudadas anteriormente) quanto pela moral religiosa e pelo papel de gênero que existia no século XIX.

4. Razão versus paixão

Encontrando estas referências à paixão e à razão em meio à crítica literária de *Jane Eyre*, decidimos nos aprofundar um pouco nessa temática, vendo como ela aparece na obra em questão e em qual é a relação entre estes dois elementos, pois vendo pelas críticas ela parecia ser conflituosa. Para tanto, resolvemos analisar a ideia da paixão e da razão no contexto da sociedade vitoriana, tanto no discurso médico quanto no religioso e no social, relacionando-a ao modo como aparece na obra de Charlotte Brontë.

Em relação ao discurso médico, nos baseamos em obras originais de frenologia, como o *Familiar Lessons on Phrenology Designed For the Use of Children and Youth in School and Families*, o *Elements of Phrenology*, de George Combe; obras originais de fisionomia como *The Pocket Lavater* e o livro *Domestic Medicine: or, a Treatise on the Prevention and Cure of Diseases by Regimen and Simple Medicines*, muito popular entre as famílias no século XIX. Nestas obras, encontramos uma definição muito similar, e que é melhor explicada pelo seguinte excerto do livro de Combe: “A paixão é o mais alto grau de qualquer faculdade e as paixões são tão diferentes quanto as faculdades [...]” (COMBE, 1846, p. 191).¹⁰ Assim, podemos ver que as chamadas paixões eram qualquer uma das faculdades, mas utilizadas de modo excessivo, que agitariam a mente e a alma humana. Desse modo, acabamos vendo um processo de repressão na sociedade vitoriana, principalmente relacionado à supressão de certos sentimentos e atitudes que seriam considerados passionais e que se relacionavam com o pensamento religioso e moral da época, já que ser passional seria uma atitude imoral e poderia levar à degeneração da alma virtuosa. Assim, em *Familiar Lessons of Phrenology*, um livro para crianças, nos ilustra muito bem como essa repressão emocional deveria começar desde bem cedo: “[...] Todos podem restringir suas paixões, se desejarem, e devem lutar contra a indulgência de seus sentimentos perversos” (FOWLER, 1847, p. 54).¹¹ Além disso, a repressão e o controle emocional estariam intimamente ligados com o contexto industrial da Inglaterra, que precisava de trabalhadores produtivos, ou seja, precisava de pessoas que se tornassem membros úteis para a sociedade.

No livro *Domestic Medicine*, também vemos uma preocupação com as paixões, que seriam compostas por vários sentimentos (raiva, medo, luto, melancolia religiosa e amor) e que deveriam ser lidadas com cuidado, pois “é perigoso mexer com as paixões humanas. A mente pode facilmente ser lançada em uma tal desordem que pode nunca mais agir com regularidade” (BUCHAN, 1772, p. 111).¹²

Além disso, é interessante notar que a sociedade vitoriana considerava que mulheres e crianças seriam mais suscetíveis às paixões do que os homens, principalmente as mulheres, que seriam passionais por natureza e que deveriam aprender desde novas a reprimir suas paixões para serem boas esposas e se adequarem ao seu papel de gênero, enquanto os homens eram vistos como seres racionais.

Porém, é interessante notar que a temática da razão não é falada tão abertamente nessas obras quanto a da paixão, ficando subentendida como algo irreverente ao homem e que deveria ser utilizada, sendo superior moralmente e religiosamente às paixões. Tendo isso em mente, decidimos analisar como ambas as temáticas são apresentadas em *Jane Eyre*, como elas se relacionam e como interferem ou não no desenvolvimento e na personalidade dos personagens, refletindo se Charlotte Brontë defendia ou ia de encontro com o discurso de repressão emocional da época.

Ao analisarmos a narrativa, vemos que Jane está em um conflito intenso entre a razão e a paixão durante todo o decorrer da história. Quando é criança, Jane é extremamente passional, e as pessoas fazem questão de lembrá-la disso, e a servente Bessie até mesmo exclama quando a vê batendo em John Reed “Alguém já viu tal quadro de paixão?” (BRONTË, 2010 [1847], p. 7),¹³ demonstrando que Jane realmente não controlava nenhuma de suas paixões. Porém, no decorrer de sua vida, e principalmente pela influência de Lowood, Jane vai aprendendo que suas paixões devem ser reprimidas pela razão, e em várias passagens do livro podemos ver essa luta interna da personagem, como essa:

“Isso era verdade: e enquanto ele falava, minha própria consciência e razão se tornaram traidoras contra mim e me acusaram de crime ao resistir a ele. Elas falavam quase tão alto quanto o sentimento: e este clamava descontroladamente. ‘Ó, concorde!’ Disse. ‘Pense em sua miséria; pense em seu perigo - veja seu estado quando deixado sozinho; lembre-se de sua natureza precipitada; considere a imprudência que se segue ao

¹⁰ No original: “Passion is the highest degree of any faculty and the passions are as different as the faculties[...].” Tradução minha.

¹¹ No original: “[...] All can restraint their passions if they wish, and should strive against the indulgence of their wicked feelings.” Tradução minha.

¹² No original: “it is dangerous to tamper with the human passions. The mind may easily be thrown into such disorder as never again to act with regularity.” Tradução minha.

¹³ No original: “Did ever anybody see such a picture of passion?” Tradução minha.

desespero – acalme-o; salve-o; ame-o; diga a ele que você o ama e será dele. Quem no mundo se importa com você? ou quem será ferido pelo que você faz?” (BRONTË, 2010 [1847], p. 266)¹⁴

Além disso, Jane parece reprimir suas paixões mas tem consciência de sua verdadeira natureza, que é passional, pois quando reencontra sua tia Reed, ela fala para a outra que “Eu sou passional, mas não sou vingativa” (BRONTË, 2010 [1847], p. 200).¹⁵ Ademais, Jane parece perder o controle de sua tão estimada razão, que serve apenas como um meio de reprimir seus sentimentos para ter a aceitação que ela tanto sofreu para conseguir na sua infância, dando voz às suas paixões.

Em relação aos outros personagens da obra, temos um contraste muito grande entre Rochester e St. John Rivers. Este é um homem extremamente racional, controlado e reprimido emocionalmente, pois como ele mesmo diz “a razão, não o sentimento, é minha guia” (BRONTË, 2010 [1847], p. 315)¹⁶ o que parece incomodar Jane e a faz recusar seu pedido de casamento, pois ela sabia que St. John não a trataria de forma calorosa. Muito diferente disso é Rochester, o grande amor de Jane, que não hesita em dizer que é passional diversas vezes na narrativa e que é descrito por Jane como sendo passional, o que é uma característica muito marcante desse personagem, como podemos ver nesta passagem: “Ele se levantou e veio em minha direção, e eu vi seu rosto todo iluminado, e seu olho de falcão piscando, e ternura e paixão em todos os lineamentos” (BRONTË, 2010 [1847], p. 229).¹⁷ Além disso, Rochester parece ser o único que percebe o conflito existente em Jane entre sua razão e suas paixões, pois em uma cena muito importante do livro, em que ele finge ser uma cigana e faz uma análise frenológica em Jane, temos a seguinte passagem:

“A testa declara: 'A razão fica firme e segura as rédeas, e ela não deixa os sentimentos irromperem e apressam-na para abismos selvagens. As paixões podem enfurecer furiosamente, como verdadeiros pagãos, como são; e os desejos podem imaginar todo tipo de coisas vãs: mas o bom-senso ainda terá a última palavra em cada argumento, e o voto de desempate em cada decisão. Ventos fortes, terremotos e fogo podem passar: mas eu vou seguir o direcionamento daquela voz ainda pequena que interpreta os ditames da consciência. Bem dito, testa; sua declaração será respeitada. Eu tenho formado meus planos - planos corretos, como eu os considero - e neles eu tenho atendido às reivindicações da consciência, os conselhos da razão.’” (BRONTË, 2010 [1847], p. 166)¹⁸

Aqui, parece que Rochester percebe como Jane luta o tempo todo contra suas emoções e tenta fazer com que a razão consiga controlar suas paixões e sentimentos, mas em outra passagem, Rochester afirma veementemente que Jane é passional, ou seja, ele reconhece que um lado dela sempre estará lá e que a repressão de Jane não elimina sua natureza passional e emocional.

Em meio a isso, tentaremos articular esses elementos do livro com nossa hipótese de leitura, que depreende um desejo de liberdade emocional da protagonista, em meio a um conflito em que Jane está inserida na narrativa, entre essa liberdade e o determinismo orgânico, que contempla as ciências da mente e a repressão social que elas fomentavam.

5. Liberdade emocional versus determinismo orgânico

Por meio do estudo sobre como a temática da paixão e da razão aparecem na obra, pudemos ver que Jane parece estar sempre em um conflito entre seus sentimentos e sua racionalidade, enquanto se relaciona com pessoas que a fazem seguir mais um ou outro, por conta de suas personalidades (Rochester, extremamente passional e St. John, extremamente racional). Em meio a isso, podemos relacionar este conflito da protagonista com o mesmo tipo de divergência na Era Vitoriana sobre a identidade humana em meio às mudanças dessa sociedade.

¹⁴ No original: “This was true: and while he spoke my very conscience and reason turned traitors against me, and charged me with crime in resisting him. They spoke almost as loud as Feeling: and that clamoured wildly. ‘Oh, comply!’ it said. ‘Think of his misery; think of his danger -- look at his state when left alone; remember his headlong nature; consider the recklessness following on despair -- soothe him; save him; love him; tell him you love him and will be his. Who in the world cares for YOU? or who will be injured by what you do?’” Tradução minha.

¹⁵ No original: “I am passionate, but not vindictive.” Tradução minha.

¹⁶ No original: “reason and not feeling is my guide.” Tradução minha.

¹⁷ No original: “He rose and came towards me, and I saw his face all kindled, and his full falcon-eye flashing, and tenderness and passion in every lineament.” Tradução minha

¹⁸ No original: “The forehead declares, 'Reason sits firm and holds the reins, and she will not let the feelings burst away and hurry her to wild chasms. The passions may rage furiously, like true heathens, as they are; and the desires may imagine all sorts of vain things: but judgment shall still have the last word in every argument, and the casting vote in every decision. Strong wind, earthquake-shock, and fire may pass by: but I shall follow the guiding of that still small voice which interprets the dictates of conscience.' “Well said, forehead; your declaration shall be respected. I have formed my plans -- right plans I deem them -- and in them I have attended to the claims of conscience, the counsels of reason.” Tradução minha.

Com isso, temos duas ideias essenciais para esta pesquisa: a ideia de *self management* (que pode ser traduzida como “autogerenciamento”) e a ideia do *physician’s gaze* (traduzida como “o olhar do médico”).

A primeira ideia traz consigo uma grande relação com a frenologia e a fisionomia, já que trazia a noção de que as pessoas deveriam tentar melhorar as faculdades cujos órgãos fossem menores, e deveriam evitar as faculdades ruins. Assim, temos aqui uma ideia de que o indivíduo seria capaz de se auto gerenciar, ou seja, há aqui uma espécie de flexibilização do ideal determinista frenológico e fisionômico.

Porém, temos uma contradição na Era Vitoriana, já que sua sociedade estava mudando rapidamente, com novas tecnologias surgindo, um intenso cientificismo, o imperialismo e as consequências da Revolução Industrial, fazendo com que as pessoas ficassem perdidas em meio ao que as cercava, principalmente no meio urbano. Assim, Sally Shuttleworth nos mostra que, nessa época, “O indivíduo é figurado como uma unidade autônoma, dotada de poderes de autocontrole, mas também como um organismo material impotente, pego dentro das operações de um campo maior de força.” (SHUTTLEWORTH, 1996, p. 28).¹⁹

Assim, vemos como na sociedade vitoriana em si havia um conflito entre liberdade e autonomia *versus* o determinismo orgânico e a impotência perante o ambiente. Porém, com a ideia do *self management*, há uma possibilidade de articular esses dois elementos conflituosos, ou seja, a chance de mudar, por pouco que seja, certas características que estão determinadas para cada indivíduo. Desse modo, a sociedade vitoriana vai cada vez mais defendendo a autorrepressão e o autocontrole, de modo a evitar as faculdades moralmente ruins e as paixões, já que apenas o autocontrole e a razão poderiam exercitar as faculdades moralmente superiores.

Assim, Charlotte capta muito bem estas ideias de conflito e de repressão em seu livro, principalmente por meio de sua protagonista, de modo a relacionar estes elementos com a identidade do indivíduo, a perda do controle e os poderes entre esta dinâmica que ocorria na sociedade ao seu redor. Como nos diz Beth Tressler:

Brontë nos mostra como é a regulação implacável da imaginação pelo incessante autocontrole, que cria várias formas de insanidade e se torna, em última análise, devastador para a identidade, retratando em seu lugar a base moral de uma dialética complexa entre autocontrole e uma auto-perda estática. (TRESSLER, 2018, p. 1)²⁰

Deste modo, também podemos relacionar a escrita de Brontë com outro conceito muito importante da Era Vitoriana: o conceito do *physician’s gaze*. Esse traz consigo a ideia de que o médico poderia ver a personalidade e a identidade de seus pacientes mesmo em seus mais profundos recônditos, desafiando a ideia de encobrimento da personalidade e trazendo consigo a noção de que a loucura poderia estar em quaisquer indivíduos, desafiando a ideia anterior de que a insanidade seria um estado permanente. Isso estava claramente ligado com a ideia frenológica das paixões e da moral em que elas eram vistas, como podemos ver neste excerto do livro de Sally Shuttleworth: “A loucura é vista menos como um destino fisiológico inescapável do que como um estado parcial, ao qual qualquer um sob tensão é suscetível, e que perdura apenas enquanto a paixão derruba a razão [...]” (1996, p. 35).²¹

Assim, é possível vermos como nesse conceito também há um conflito entre a razão e a paixão, enquanto a loucura que o médico acharia em seu paciente faria parte de sua personalidade apenas enquanto a paixão dominasse a razão, subentendendo que a cura para a insanidade seria o autocontrole e a repressão, justamente para que as paixões não dominassem a mente a identidade do indivíduo.

Com todas essas ideias presentes, justificamos nossa hipótese de que Charlotte Brontë utiliza-se desses conflitos não de modo a concordar com a ideia de autocontrole e *self management*, e sim para mostrar como a protagonista estaria engajada em uma ideia de liberdade emocional, ou seja, caminhando para a liberação de suas paixões e emoções ao lado de Rochester, deixando de lado sua repressão e sua razão como controle de seus pensamentos.

Isso fica evidente na história enquanto Jane busca um equilíbrio em meio ao seu amor passional, mas imoral, por Rochester e sua convivência racional e controlada com St. John. O romance parece indicar que as paixões vencem por um momento o conflito na mente da protagonista, pois esta nega o pedido de casamento de St. John e volta para os braços de Rochester, cujo amor não é mais imoral, pois ele sofreu um processo de redenção e cristianização.

¹⁹ No original: “The individual is figured both as an autonomous unit, gifted with powers of self-control, and also as a powerless material organism, caught within the operations of a wider field of force.” Tradução minha.

²⁰ No original: “Brontë shows how it is the unremitting regulation of the imagination through incessant self-control that creates various forms of insanity and becomes ultimately devastating to the self, depicting instead the moral basis of a complex dialectic between self-control and ecstatic self-loss.” Tradução minha.

²¹ No original: “Madness is envisaged less as an inescapable physiological destiny, than as a partial state, to which anyone under stress is liable, and which endures only so long as passion overturns reason [...]” Tradução minha.

Porém, é interessante frisarmos que não é porque a protagonista almejava uma liberdade emocional, sem repressão, que sua mente e sua identidade estariam livres de conflitos e de relações complexas. Muito pelo contrário, pois toda a narrativa é construída de modo a justamente contrastar o determinismo estático frenológico e a dinâmica conflituosa da mente humana.

Assim, de acordo com o que foi discutido, vemos que a autora busca enfatizar em seu romance, por meio da trajetória da protagonista, que a identidade e a mente humana são contraditórias, conflituosas, com disputas e relações complexas de poder. Desse modo, Charlotte Brontë não só contesta o determinismo da frenologia e da fisionomia, que afirmam ser possível ver a personalidade interna por meio de sinais externos, mas também faz uso dessas ciências de modo a revelar diferentes relações que existem dentro da mente humana, destacando a impossibilidade de haver uma leitura frenológica totalmente coerente e completa e as consequências negativas do autocontrole, que levaria a uma perda do “eu”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar *Jane Eyre* mostrou-se ser um trabalho que contemplou as mais diversas áreas científicas, desde análise e teoria literária e filosofia até medicina popular, psiquiatria, psicologia e as pseudociências que estavam em voga na época. Em meio a isso, foi possível perceber a importância do cientificismo e principalmente das ciências da mente no século XIX como um todo e na literatura publicada na época. Assim, vemos também a importância desse contexto nesta obra de Charlotte Brontë e como ela reflete as preocupações e teorias da época, sem necessariamente aceitá-las como sendo verdadeiras e corretas moralmente.

Além disso, a obra mostrou-se uma ampla fonte de interpretações e de relações com os temas da liberdade, paixão e razão, na medida em que traz consigo diversas metáforas acerca do assunto e traz uma construção psicológica de suas personagens de modo profundo e complexo. Desse modo, nesta pesquisa, foi possível descobrir que nada em *Jane Eyre* pode ser diminuído como um simples conflito ou contraste, pois há em sua narrativa e em sua construção relações muito mais complexas, algumas conflitantes, mas algumas que também podem ser interpretadas como harmoniosas, e até mesmo contraditórias em si.

REFERÊNCIAS

- THE LAST New Novel. (1847). American Women's Magazine: London.
- ARMSTRONG, M. A. (2005). Reading a Head: “Jane Eyre,” Phrenology, and the Homoerotics of Legibility. *Victorian Literature and Culture*, vol. 33, n. 1, p. 107-132.
- BRONTË, C. (2010 [1847]). *Jane Eyre*, Harper Press, Britain.
- BUCHAN, W. (1772). *Domestic Medicine: or, a Treatise on the Prevention and Cure of Diseases by Regimen and Simple Medicines*, A. Strahan, London.
- COMBE, G. (1846). *Elements of Phrenology*, Phillips & Sampson, Boston. Disponível em: <https://archive.org/details/elementsofphreno00comb>. Acesso em: dez. 2018.
- DAMES, N. (2005). “The withering of the individual”: Psychology in the Victorian Novel. In: O'GORMAN, F. *A concise companion to the Victorian novel*. Blackwell: Malden, MA.
- ECO, H. (2005). *Interpretação e superinterpretação*, Martins Fontes, São Paulo.
- FOWLER, L. N. (1847). *Familiar Lessons on Phrenology Designed For the Use of Children and Youth in School and Families*, vol. II, Stereotype Edition, Fowlers and Wells, New York.
- GASKELL, E. (1998). *The Life of Charlotte Brontë*, Penguin Classics, Britain.
- LAVATER, J. C.; PORTA, G. della (1817). *The Pocket Lavater, Or, The Science of Physiognomy: To which is Added an Inquiry Into the Analogy Existing Between Brute and Human Physiognomy, from the Italian of Porta*, Van Winkle & Wiley, New York.
- LEWES, G. H. (1847). “Recent Novels: French and English”. *Fraser's Magazine*, 36.
- PARIS, B. J. (1997). “Jane Eyre”. In: *Imagined Human Beings: A Psychological Approach to Character and Conflict in Literature*, NYU Press, New York.
- REVIEW of *Jane Eyre* from the *Era*. (1847). *The Era*, 14 nov., London.
- RIGBY, E. (1848). “Vanity Fair – and Jane Eyre”, *Quarterly Review*, 84.

- SHUTTLEWORTH, S. (1996). *Charlotte Brontë and Victorian Psychology*, Cambridge University Press, United Kingdom.
- SOLOMON, E. (1963). "Fire and Water". *College English*, vol. 25, n. 3, p. 215-217.
- TRESSLER, B. (2018). "Illegible Minds: Charlotte Brontë's Early Writings and the Psychology of Moral Management in 'Jane Eyre' and 'Villette'". *Studies in the Novel*, vol. 47, n.1, p. 1-19.
- VRETTOS, A. (2002). *Victorian Psychology*. In: BRANTLINGER, P.; THESING, W. B. *A Companion to the Victorian Novel*, Blackwell Publishing, United Kingdom.